

História ambiental e do trabalho: traços de família

Environmental and Labor History: Family Resemblances

Thomas D. Rogers*

Lise Sedrez**

Resumo: Este artigo apresenta as contribuições para o dossiê especial sobre história ambiental e do trabalho. Ele explora as relações entre os campos da história do trabalho e da história ambiental, tanto histórica quanto tematicamente, e situa as contribuições do dossiê dentro desse contexto historiográfico mais amplo, inserindo-as em um diálogo em constante evolução na fronteira entre os campos, que se estende por várias décadas. Essa conversa fecunda incluiu alguns pioneiros da história ambiental.

Palavras-chave: História do trabalho; história ambiental; classe; natureza.

Abstract: This article introduces the contributions to the special dossier on environmental and labor history. It traces the relationship between the fields of labor and environmental history, both historically and thematically. And it places the dossier's contributions within this broader historiographical context, placing them in an evolving dialogue at the borderland between fields that stretches back several decades. This generative conversation has included some scholars considered founding members of environmental history.

Keywords: Labor history; environmental history; class; nature.

* Thomas D. Rogers é professor de História na Universidade Emory, com foco particular em história do trabalho e do meio ambiente no Brasil. Nessas áreas, ele publicou *The Deepest Wounds: A Labor and Environmental History of Sugar in Northeast Brazil* (2010), *Agriculture's Energy: The Trouble with Ethanol in Brazil's Green Revolution* (2022) e *Ethanol: A Hemispheric History for the Future of Biofuels* (2025), em coautoria com Jeffrey T. Manuel. E-mail: tomrogers@emory.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1077-6182>.

** Lise Sedrez é professora associada de História das Américas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas publicações recentes incluem *The Great Convergence: environmental histories of BRICS*, com S. Ravi Rajan, e *A History of Environmentalism: local struggles, global histories*, com Marco Armiero. Ela é bolsista de produtividade do CNPq e da Faperj – Cientista do Nosso Estado. E-mail: lise@historia.ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8083-3808>.

A HISTÓRIA DO TRABALHO e a história ambiental ocupam espaços intelectuais distintos na historiografia e abordam questões também distintas, em parâmetros que se desenvolveram ao longo das décadas. Durante a emergência da história ambiental na década de 1970, e sua consolidação gradual na década de 1980, a história do trabalho já vivenciava uma segunda onda de institucionalização. Um indicador de maturidade de um campo de estudo, os primeiros periódicos de história do trabalho surgiram no Atlântico Norte no final da década de 1950, à medida em que o campo adquiria um perfil próprio dentro da categoria mais ampla da história social. Uma segunda onda de publicações especializadas surgiu em meados da década de 1970, com periódicos como *International Labor and Working-Class History*. Foi também nessa época que a revista *Environmental Review*, predecessora da *Environmental History*, começou a ser publicada.¹ Para além da Europa e dos Estados Unidos, o estabelecimento de periódicos, com associações acadêmicas e conferências associadas, ainda levaria alguns anos, numa cronologia que ainda refletia a precedência da história do trabalho e o desenvolvimento posterior da história ambiental. O Brasil oferece um exemplo claro. Os líderes do GT Mundos do Trabalho, criado em 1999, caracterizaram-no como um “retorno” à história do trabalho.² Em contraste, não existe ainda uma revista brasileira dedicada à história ambiental, ainda que a *Halac – Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña*, sediada no Brasil, mas com foco regional, tenha sido fundada em 2010.³

O surgimento mais tardio da história ambiental em relação à história do trabalho não se deveu apenas à mecânica das sociedades e publicações profissionais. Historiadores ambientais têm encontrado mais dificuldades em inserir as questões centrais de seu campo nos debates da disciplina. Na América Latina, o campo também teve de lidar com o pesado legado do determinismo geográfico do início do século XX.⁴ Ainda em 2003, Ellen Stroud sugeriu que décadas de pesquisas inovadoras não impediram que o campo permanecesse “em grande parte marginal à disciplina como um todo”. Ela fez um novo apelo pela centralidade, sugerindo que o “significado e a relevância mais ampla” da história ambiental residem na “materialidade: nós prestamos atenção à terra e ao pó, e outros também deveriam”.⁵ Esse apelo em prol do campo revela como os impulsos da história do trabalho e da história ambiental se entrelaçam. Os historiadores do trabalho podem ou não prestar atenção à terra e ao pó, mas certamente se importam com a materialidade. John Soluri argumenta que a atenção insistente à materialidade da produção e do consumo contribui para evitar a tendência

1 FIELD, Geoffrey; HANAGAN, Michael. ILWCH: forty years on. *International Labor and Working-Class History*, v. 82, p. 5-14, p. 5, 2012. KIRK, Neville. Taking stock: labor history during the past fifty years. *International Labor and Working-Class History*, v. 82, p. 156-173, 2013.

2 **Revista Mundos do Trabalho**, “Grupo de Trabalho ‘Mundos do Trabalho’”. Disponível em: <https://mundosdotrabalho.com.br/pt/working-group-worlds-of-labor/>.

3 **História Ambiental Latinoamericana e Caribenha**. Disponível em: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac>.

4 SEDREZ, Lise. História ambiental da América Latina: costurando tradição e inovação. In: MAIA, Andréa Casa Nova; MORAES, Marieta de (ed.). **Outras histórias: ensaios em História Social**. Belo Horizonte: Ponteio, 2012.

5 STROUD, Ellen. Does nature always matter? Following dirt through history. *History and Theory*, v. 42, n. 4, p. 75-81, 2003.

de naturalizar os mercados de trabalho e as mercadorias. Essa força da história ambiental pode torná-la especialmente poderosa em combinação com abordagens da história do trabalho.⁶ A preocupação comum dos dois campos com o material aponta para ressonâncias de longa data entre eles.

A própria marginalidade da história ambiental também explica sua sobreposição com a história do trabalho. Apesar dos esforços dos primeiros inovadores, a formação acadêmica específica em história ambiental tem pouco mais de uma geração; em muitas partes do mundo, menos ainda. Muitos profissionais que se tornaram historiadores ambientais desenvolveram suas abordagens na prática da pesquisa. Seus trabalhos frequentemente carregavam as marcas de suas trajetórias intelectuais anteriores, como é o caso de dois historiadores norte-americanos com raízes na história do trabalho que escreveram estudos fundamentais sobre a história ambiental brasileira: Warren Dean e Barbara Weinstein. *A Ferro e Fogo*, de Dean, e *A borracha na Amazônia*, de Weinstein, suscitaram debates na historiografia brasileira sobre mudanças ambientais, e simultaneamente apontavam para as dinâmicas de classe e as desigualdades estruturais.⁷ Não por acaso, o livro de Dean aparece como a primeira nota de rodapé no artigo de Sandro Dutra e Silva nesta coletânea; essa é uma posição familiar para uma obra-prima que já tem três décadas. O livro também inspirou respostas e réplicas brilhantes, incluindo *Na presença da floresta*, de Diogo Carvalho Cabral.⁸

Dado este enraizamento na história do trabalho de muito da história ambiental, vários expoentes das gerações anteriores se basearam em perspectivas marxistas ao desbravar o campo. Podemos destacar, em particular, as contribuições expressivas de William Cronon, Donald Worster e Richard White.⁹ Ao enfatizarem a importância do meio ambiente, eles também questionaram os princípios marxistas. Como observa Gunther Peck, Worster e Cronon discordavam em muitos pontos, mas ambos concordavam que a natureza criava riqueza, um desafio à teoria do valor-trabalho.¹⁰ Esses historiadores também defenderam explicitamente um diálogo entre a história do trabalho e a história ambiental, inclusive apontando para um terreno comum no já clássico fórum *do Journal of American History*, em 1990, que debatia o artigo de Worster, “Transformações da Terra”.¹¹ Richard White (também presente nesse fórum) concebeu a materialidade compartilhada do meio ambiente e do

6 SOLURI, John. Labor, rematerialized: putting environments to work in the Americas. **International Labor and Working-Class History**, v. 85, p. 162-176, p.173, 2014.

7 DEAN, Warren. **A ferro e a fogo**: a história e a destruição da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: Hucitec; USP, 1993.

8 CABRAL, Diogo Carvalho. **Na presença da floresta**: Mata Atlântica e história colonial. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

9 ANDREWS, Thomas. Work, nature, and history: a single question, that once moved like light. In: ISENBERG, Andrew (ed.). **The Oxford Handbook of Environmental History**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 428.

10 PECK, Gunther. The nature of labor: fault lines and common ground in environmental and labor history. **Environmental History**, v. 11, p. 212-238, p. 217, 2006.

11 WORSTER, Donald. Transformations of the earth: toward an agroecological perspective in history. **Journal of American History**, v. 76, n. 4, p. 1087-1106, 1990. CRONON, William. Modes of prophecy and production: placing nature in history. **Journal of American History**, v. 76, n. 4, p. 1122-1131, 1990.

trabalho ao estender o conceito de trabalho a organismos, processos e formações naturais. Seu argumento de que o foco no dispêndio de energia oferece uma ponte fundamental entre os estudos sobre as pessoas e os estudos sobre a natureza foi uma das premissas de seu pioneiro livro sobre o Rio Columbia, *The Organic Machine*.¹²

As ligações entre os dois campos, porém, vão além da atenção compartilhada à materialidade. Em um ensaio historiográfico sobre a história ambiental orientada para o trabalho e a história do trabalho orientada para o meio ambiente na América Latina, Aviva Chomsky enfatiza que ambos os campos “são, em certo sentido, investigações sobre como os seres humanos se relacionam com a natureza”. Ela também observa que os locais de trabalho e o meio ambiente são ambos suscetíveis à análise em múltiplas escalas, como “esferas nas quais as experiências individuais e locais estão ligadas a sistemas globais e transnacionais”. Isso oferece caminhos proveitosos para novas interpretações sobre capitalismo, impérios e mudanças climáticas, entre outros grandes temas.¹³ Cada um à sua maneira, os dois campos têm se dedicado cuidadosamente à ampliação e aos impactos dos mercados. Por fim, os diversos ataques sofridos tanto pela natureza quanto pela classe trabalhadora, ao longo do tempo, muitas vezes ocorreram simultaneamente. A labuta dos pequenos agricultores, ou as lutas dos trabalhadores extrativistas e das chamadas comunidades tradicionais, como observaram José Augusto Pádua e Alessandra Carvalho em um artigo recente, são temas recorrentes entre os historiadores ambientais brasileiros.¹⁴ O próprio desenrolar da história, poderíamos dizer, evidencia a necessidade de uma abordagem compartilhada entre trabalho e meio ambiente.

Reconhecida esta trajetória comum, o diálogo entre a história do trabalho e a história ambiental está longe de ser uma novidade. Thomas Andrews chega a sugerir que “uma complexa rede de ideologias submersas une a história do trabalho e a história ambiental em um todo maior”.¹⁵ Podemos, de fato, considerar que muito da interconexão entre os campos como um resultado do surgimento e expansão da história ambiental. Nesta caminhada, alguns estudiosos dedicaram-se a avaliar as interações, repercussões, sobreposições e diálogos entre os dois. Ninguém contribuiu mais nesse sentido do que John McNeill, com suas avaliações cuidadosas e regulares sobre o desenvolvimento da história ambiental.¹⁶ Mas Gunther Peck, Thomas Andrews, Thomas Klubock, Kate Brown e Aviva Chomsky (no artigo já citado) também colaboraram com análises perspicazes

12 WHITE, Richard. Environmental history, ecology, and meaning. *Journal of American History*, v. 76, n. 4, p. 1111-1116, 1990. WHITE, Richard. *The Organic Machine: The Remaking of the Columbia River*. New York: Hill & Wang, 1995.

13 CHOMSKY, Aviva. Labor and the environment in Latin America. *Oxford Research Encyclopedias: Latin American History*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 2-3.

14 PÁDUA, José Augusto; CARVALHO, Alessandra Izabel de. A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 27, n. 4, p. 1311-1340, 2020.

15 ANDREWS, op. cit., 2014, p. 425.

16 Ver em particular: McNEILL, J. R. Observations on the nature and culture of environmental history. *History and Theory*, v. 42, p. 5-43, 2003. McNEILL, J. R. The state of the field of environmental history. *Annual Review of Environment and Resources*, v. 35, p. 345-374, 2010.

de trabalhos, destacando questões em debate e aquelas que necessitam de maior investigação. O presente número desta revista se insere nesse diálogo em evolução na fronteira entre os campos, confirmando algumas tendências e abrindo novos caminhos a serem explorados.

Algumas ferramentas conceituais úteis surgiram ao longo das duas décadas de atividade nesta região fronteiriça. Gunther Peck, mais um historiador do trabalho atraído para a considerações ambientais, propõe a estrutura das “geografias do trabalho” para ajudar a teorizar a preocupação compartilhada entre os campos com a materialidade. Ele se apropria da expressão presente no clássico de White, *The Organic Machine*, mas também se baseia em David Harvey. A partir desta perspectiva geográfica, Peck argumenta que as geografias possibilitam a investigação simultânea dos ambientes e das relações humanas que constituem os lugares.¹⁷ A abordagem apresenta forte semelhança com a paisagem, que alguns de nós teorizamos (no caso da pesquisa de Thomas Rogers, por meio do conceito de “paisagens laborais”), bem como com o conceito de “paisagens de trabalho” de Andrews.¹⁸ Andrews desenvolve essa ideia em seu livro *Killing for Coal*, mas oferece uma definição concisa no capítulo no *Oxford Handbook of Environmental History*. Ele sugere que esses locais “se encontram na interseção de sociedades humanas internamente diferenciadas, ordenadas por relações de poder complexas e desiguais, e um mundo natural ainda mais diverso e diferenciado”. Isso os torna “lugares, sistemas e conjuntos” promissores para uma nova compreensão do passado.¹⁹

Uma edição temática da revista *International Labor and Working-Class History*, em 2014, apresentou um extenso rol de historiadores que abordaram lugares de todo o mundo a partir de perspectivas ambientais e do trabalho. Além de destacar alguns dos parâmetros que já discutimos, os editores daquele número, Brown e Klubock, apontam para estudos sobre o ambientalismo da classe trabalhadora. Ao aplicar a história ambiental à história do trabalho, argumentam eles, “facilita-se uma análise espacial da formação de classe”. Essa abordagem permite aos historiadores situar e compreender “trabalhadores em movimento, trabalhadores que viajam, migram e ocupam múltiplos lugares — por vezes liminares — na natureza, nas cidades, nas indústrias e na agricultura”.²⁰ A presente edição da *Revista Mundos do Trabalho* inclui diversos grupos desses “trabalhadores em movimento”, bem como trabalhadores em uma variedade de outros contextos.

17 Peck, “The Nature of Labor,” 212-238. “Terreno Comum” é uma expressão comum neste gênero. Ver: MOSLEY, Stephen. Common ground: integrating social and environmental history. *Journal of Social History*, v. 39, n. 3, 2006, p. 915-933. E, claro, a coletânea clássica de Cronon: CRONON, William (ed.). *Uncommon Ground: Toward Reinventing Nature*. New York: Norton, 1995.

18 ROGERS, Thomas D. **As feridas mais profundas**: uma história do trabalho e do ambiente do açúcar no Nordeste do Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

19 ANDREWS, Thomas. **Killing for Coal**: America’s Deadliest Labor War. Cambridge: Harvard University Press, 2008. ANDREWS, op. cit., 2014, p. 428.

20 BROWN, Kate; KLUBOCK, Thomas. Environment and labor: introduction. *International Labor and Working-Class History*, v. 85, p. 4-9, p. 9, 2014.

O dossiê: intenções, apresentações, contribuições

NÃO OBSTANTE toda a interseção entre a história do trabalho e a história ambiental, identificada e incentivada por profissionais como Peck, Andrews, Klubock e Chomsky, essa interseção não se tornou rotina em nossa disciplina. Continuamos a receber excelentes contribuições de pesquisadores como John Soluri. Seu livro *Banana Cultures* abriu novos horizontes ao combinar análises de trabalho, meio ambiente e cadeias de valor, e seu livro mais recente, *Creatures of Fashion*, coloca novamente os fluxos de mercadorias no centro da análise, ao mesmo tempo em que dedica minuciosa atenção às relações trabalhistas e às mudanças ambientais.²¹ No entanto, o comentário de Stroud, feito há 20 anos, sobre a marginalidade da história ambiental, permanece surpreendentemente atual, e a aliança entre a área e a história do trabalho é desconhecida para muitos.²² Mais especificamente, algumas abordagens dessa aliança são mais populares do que outras. Jonathan Franklin observou, há quase 15 anos, que “tanto historiadores do trabalho quanto historiadores do meio ambiente têm obtido algum sucesso na integração de questões ambientais nas esferas cultural e política em narrativas centradas no trabalho, mas a tarefa tem se mostrado mais desafiadora em relação às questões ambientais materiais”.²³ De modo geral, isso continua válido.

Ao solicitarmos contribuições para este dossiê, levamos em consideração tanto a riqueza da produção acadêmica da geração anterior quanto o espaço ainda por explorar. Não esperávamos obter uma amostra representativa de todos os temas e tendências possíveis na fronteira entre a história do trabalho e a história ambiental. Queríamos estudos interessantes e instigantes que pudessem ajudar a revelar parte da fertilidade desse domínio, e foi isso que obtivemos. As tipologias das repostas, no entanto, não foram necessariamente previsíveis.

Para um conjunto de ensaios que com foco principalmente no Brasil, por exemplo, surpreendeu-nos uma falta de representação do Sudeste do país, visto que, de modo geral, Rio de Janeiro, São Paulo e, talvez, Belo Horizonte são frequentes objetos de estudos históricos no Brasil. Dois artigos sobre a Amazônia talvez fossem esperados, dadas as suposições populares sobre o “meio ambiente” brasileiro. Mas também temos dois artigos sobre a região canavieira do Nordeste e um sobre o Centro-Oeste do país. Da mesma forma, esperávamos encontrar mais artigos sobre trabalho urbano, trabalho feminino e análise de gênero em geral, talvez mais sobre animais não humanos. Nenhum desses artigos é explicitamente voltado para a justiça ambiental, cujo propósito central se alinha mais frequentemente com a história ambiental produzida na América Latina do que

21 SOLURI, John. **Banana Cultures: Agriculture, Consumption, and Environmental Change in Honduras and the United States**. Austin: University of Texas Press, 2005. SOLURI, John. **Creatures of Fashion: Animals, Global Markets, and the Transformation of Patagonia**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2024.

22 STROUD, op. cit., p. 75.

23 FRANKLIN, Jonathan S. Working-class themes in the new environmental history. **Labor: Studies in Working-Class History of the Americas**, v. 9, n. 1, p. 11-131, p. 120, 2012.

nos Estados Unidos.²⁴ Esta coletânea em particular também não faz referência explícita a dois conceitos que têm atraído muita atenção recentemente: o Antropoceno e a Grande Aceleração.²⁵ Esses permanecem como temas para uma futura edição.

Os excelentes artigos desta edição se inter cruzam de maneira instrutiva. Pablo Corral-Broto, por um lado, e Samuel Carvalheira de Maupeou e Altemar da Costa Muniz, por outro, descrevem os trabalhadores, protagonistas de seus respectivos artigos, como atores políticos competentes por mérito próprio, que lutavam por seus direitos e lidavam com questões ambientais. Eles podem vir do movimento sindical da Espanha, no artigo de Corral-Broto, ou da região canavieira de Pernambuco, no texto de Maupeou e Costa Muniz, mas comungavam de uma mesma clara capacidade de ação. Marlos de Matos e Lara de Castro Ferreira, e Sandro Dutra e Silva, por sua vez, descrevem os trabalhadores como objetos de análise, situados por aqueles que operam de cima para baixo. Neste caso, Matos e Castro Ferreira investigam os trabalhadores de operações de mineração na Amazônia, enquanto Dutra e Silva analisa o papel dos *mateiros* nas fronteiras do norte e centro do Brasil.

Os trabalhadores que Wesley Oliveira Kettle descreve, que davam suporte a uma expedição de mapeamento de fronteiras enviada pela Coroa Portuguesa no século XVIII, são os equivalentes diretos dos *mateiros* analisados por Dutra e Silva. Mas, em contraste com o que aconteceu no século XX, o trabalho desses homens na Amazônia do século XVIII foi largamente apagado ou omitido, ofuscado pelas tarefas intelectuais realizadas pelos “comissários inteligentes” da expedição científica que ele descreve. Christine Rufino Dabat, por fim, descreve trabalhadores da Zona da Mata, em Pernambuco, cujas práticas de jardinagem abrem novas oportunidades interpretativas para pensar o papel da subsistência nas relações de trabalho assalariado, potencialmente chaves analíticas para a chamada ruptura camponesa. Em vários desses artigos, representantes da classe trabalhadora e ativistas defendiam a proteção ambiental ou se opunham ao tipo de espoliação ambiental que colocava em risco sua saúde e seus meios de subsistência. É o que Chad Montrie chamou de “ambientalismo expediente” em seu relato sobre sindicatos e a oposição à mineração de carvão a céu aberto, e o que Juan Martínez Alier chamou de “ambientalismo dos pobres”.²⁶

24 RECTOR, Josiah. The spirit of Black Lake: full employment, civil rights, and the forgotten early history of environmental justice. **Modern American History**, v. 1, n. 1, p. 45-66, 2018. SEDREZ, op. cit.

25 STEFFEN, Will et al. The trajectory of the Anthropocene: the Great Acceleration. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 1, p. 81-98, 2015. McNEILL, J. R.; ENGELKE, Peter. **The Great Acceleration: An Environmental History of the Anthropocene since 1945**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

26 MONTRIE, Chad. Expedient environmentalism: opposition to coal surface mining in Appalachia and the United Mine Workers of America, 1945-1975. **Environmental History**, v. 5, n. 1, p. 75-98, 2000. MARTÍNEZ ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres: a luta ambiental e a justiça social**. São Paulo: Editora Unesp, 2007. Ver também: DEWEY, Scott. Working for the environment: organized labor and the origins of environmentalism in the United States, 1948-1970. **Environmental History**, v. 3, n. 1, p. 45-63, 1998. VELUT, Jean-Baptiste. A brief history of the relations between the US labor and environmental movements (1965-2010). **Revue française d'études américaines**, n. 129, v. 3, p. 59-72, 2011. OBACH, Brian K. **Labor and the Environmental Movement: The Quest for Common Ground**. Cambridge: MIT Press, 2004. SILVERMAN, Victor. Sustainable alliances: the origins of international labor environmentalism. **International Labor and**

O dossiê começa com o relato de Wesley Oliveira Kettle sobre a demarcação de fronteiras territoriais e a exploração científica na região amazônica no século XVIII. Como ele destaca, a análise da dimensão ambiental da expedição de demarcação de fronteiras enriquece nossa interpretação e contextualização desse importante episódio histórico. Ele utiliza como principais fontes os relatos do líder da expedição e de dois de seus principais cientistas. Os detalhes concretos da viagem são impressionantes: mais de mil pessoas percorreram milhares de quilômetros de rio, metade delas indígenas que conduziam as grandes canoas que transportavam os participantes e seus equipamentos. Havia também astrônomos, cirurgiões, artistas, engenheiros e médicos entre seus “comissários inteligentes”. Kettle sugere que a própria compreensão da natureza da Amazônia por parte dos líderes da expedição foi moldada por seus trabalhadores indígenas. Ele inicia o artigo com as listas de mantimentos necessários para a partida da expedição. A primeira lista inclui instrumentos científicos exóticos para os comissários. Mas foi a lista mais prosaica de alimentos e ferramentas que garantiu a sobrevivência dos cientistas.

Nessa combinação de história intelectual, do trabalho e ambiental, Kettle descreve o trabalho no mundo natural como sendo tanto físico quanto intelectual. Ele destaca os trabalhadores que Brown e Klubock mencionam como aqueles que “ocupam lugares muitas vezes invisíveis ou difíceis de identificar nos interstícios da geografia do trabalho”.²⁷ O conhecimento que eles tinham sobre hábitos alimentares e perigos da floresta tropical, sobre tecnologias de navegação e viagens pela Amazônia, contribuiu de forma essencial para a expedição como um todo. O argumento nos remete ao ditado de Richard White de que as pessoas conhecem o meio ambiente principalmente por meio do trabalho.²⁸ Oliveira Kettle também leva em consideração o trabalho intelectual dos cientistas, que buscavam “uma forma de compreender os limites da atuação humana e sua capacidade de superá-los”. “As fronteiras coloniais”, argumenta ele, “não foram apenas demarcadas fisicamente, mas também reconfiguradas por meio de interações ambientais e socioculturais”.

Ainda na região amazônica, Marlos de Matos e Lara de Castro Ferreira descrevem a exploração de um depósito de manganês no estado do Amapá como parte de um projeto modernizador e desenvolvimentista, coordenado pelo regime nacionalista de Getúlio Vargas. Vargas buscava “conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando sua força cega e sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada”. Isso também remete a Richard White e sua documentação sobre a linguagem e a lógica da exploração estatal da energia hidrelétrica nos EUA.²⁹ Matos e Ferreira iniciam o artigo com um relato de uma visita desastrosa à mina, feita pelo presidente Kubitschek e pela imprensa. O grupo enfrentou uma viagem pela floresta em vagões de trem lotados, um acidente no

Working-Class History, v. 66, p. 118-135, 2004. JAKOPOVICH, Dan. Uniting to win: labor-environmental alliances. **Capitalism Nature Socialism**, v. 20, n. 2, p. 74-96, 2009.

27 BROWN; KLUBOCK, op. cit., p. 9.

28 WHITE, op. cit., x, 9.

29 Ibidem.

seu retorno e, em seguida, uma árdua caminhada até a cidade sob chuva torrencial. O episódio evidenciou os desafios específicos da industrialização dessa região do país e a vulnerabilidade das pessoas que de fato trabalhavam para a Icomi, a mineradora sediada em Minas Gerais. Ao abordar os primeiros anos da longa permanência da empresa na região, o artigo enfatiza que o local importa: os trabalhadores no final da década de 1940 e no início da década de 1950 enfrentaram problemas específicos resultantes da localização da mina na Amazônia.

Matos e Ferreira partem da premissa de que os acidentes e doenças ocupacionais são problemas sociais gerados no contexto das relações sociais do ambiente de trabalho. O artigo detalha os anos necessários para a construção da infraestrutura da mina — duas “cidades-empresa” e uma ferrovia de 200 quilômetros. Os acidentes sofridos pelos trabalhadores no trabalho, como picadas de cobra e escorpião, foram causados, argumentam os autores, pelas condições sociais às quais estavam submetidos, incluindo o autoritarismo da empresa. Os trabalhadores nordestinos eram vistos como os mais aptos, “naturalmente”, a domar a selva amazônica. A mineradora, por sua vez, buscava “criar um tipo específico de trabalhador e família, dotado de valores baseados na atribuição de papéis e deveres de acordo com o gênero e uma nova ética de trabalho capitalista-industrial”. Como observam Matos e Ferreira, o trabalhador se deparava “com um mundo de trabalho exponencialmente diferente do habitual”.

A contribuição de Matos e Castro Ferreira faz sentido no contexto de uma aproximação de longo prazo que a história da ciência e a história da medicina têm feito com a história ambiental. Os autores citam José Sérgio Leite Lopes e sua etnografia clássica sobre os trabalhadores de usinas de açúcar em Pernambuco, por exemplo. Leite Lopes observou os efeitos debilitantes a longo prazo do trabalho extremamente árduo nas usinas. Um eco mais recente desse legado intelectual vem de José Marcelo Marques Ferreira, que examinou as consequências para a saúde do trabalho nos campos de cana-de-açúcar na mesma região.³⁰ A revista *Manguinhos*, por exemplo, publicada pela Fundação Oswaldo Cruz, publicou muitos artigos que podem ser lidos como história ambiental, e jovens pesquisadores, como Sophie Williams, têm produzido trabalhos promissores nesse sentido.³¹

O único artigo não centrado no Brasil no dossiê aborda os trabalhadores industriais da região espanhola de Aragón. Pablo Corral-Broto apresenta um relato sobre a mobilização da classe trabalhadora em torno de questões ambientais. Diversas organizações operárias participaram da militância, atuando principalmente na clandestinidade e em oposição

30 LEITE LOPES, José Sérgio. **O vapor do diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978. FERREIRA FILHO, José Marcelo Marques. **Corpos exauridos**: relações de poder, trabalho e doenças nas plantações açucareiras (Zona da Mata de Pernambuco, 1963-1973). 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

31 RATHZEL, Nora; STEVIS, Dimitris; UZZELL, David (ed.). **The Palgrave Handbook of Environmental Labor Studies**. London: Palgrave Macmillan, 2021.

ao Estado, algumas delas associadas aos partidos socialista ou comunista. Esses trabalhadores expressaram sua frustração com problemas ambientais patentes, como a poluição e os danos causados por grandes projetos de energia nuclear e hidrelétrica. Esta última questão é um tanto surpreendente devido às associações entre esses projetos de infraestrutura e o desenvolvimento industrial. Esse quadro inusitado, em que os trabalhadores aparentemente se opõem aos próprios interesses materiais, demonstra, no entanto, a importância das questões ambientais para a classe trabalhadora.

Corral-Broto apresenta o argumento fascinante de que o protesto ambientalista se tornou um canal para expressar o sentimento antifranquista. Os manifestantes adotaram a lógica do anticolonialismo (incluindo o colonialismo interno) e o discurso da teologia da libertação, entre outros. Corral-Broto escolheu Aragão como estudo de caso porque os arquivos regionais oferecem maior acesso a registros do período autoritário. Ele também defendeu a perspectiva de escala segundo a qual Aragão oferecia uma oportunidade para analisar as lutas ambientais da classe trabalhadora, do nível local ao regional. Menos conflitos e manifestações eclodiram em âmbito nacional na Espanha. Os ativistas se opunham ao plano geral de industrialização que se desenrolou sob o regime franquista, embora tenham intensificado seus esforços após a morte do ditador em 1975.

O tema de Corral-Broto encontra eco em trabalhos que remontam a pelo menos três décadas. Já em 1993, Robert Gottlieb questionou a ideia estabelecida de que os movimentos sindicais e ambientais eram opostos.³² O nexos entre os movimentos sindicais e ambientais, de fato, contribuiu para impulsionar ambos os subcampos históricos representados neste dossiê. O compromisso da história ambiental com o movimento ambientalista é espelhado na relação de longa data entre historiadores do trabalho e os movimentos sindicais. Esses compromissos, como vários autores já apontaram, parecem ter se entrelaçado durante o ativismo, do início dos anos 2000, em oposição à Organização Mundial do Comércio. As preocupações materiais desses movimentos e a percepção de que os novos acordos comerciais (talvez o mais emblemático, o NAFTA) ignoravam as vulnerabilidades dos trabalhadores e do meio ambiente levaram os ativistas às ruas.³³ O estudo de caso de Corral-Broto sobre Aragão também pode apontar para uma ressonância particular entre o ativismo dos trabalhadores e os projetos energéticos. Este artigo relembra, por exemplo, a descrição de Myrna Santiago sobre a oposição declaradamente ambiental, mas influenciada por questões de classe, aos extensos impactos da produção de petróleo em Veracruz, México.³⁴ Contam-se aqui, também, a pesquisa de

32 GOTTLIB, Robert. **Forcing the Spring**: The Transformation of the American Environmental Movement. Washington, D.C.: Island Press, 1993. Franklin points this out: FRANKLIN, op. cit., p. 120.

33 GORDON, Robert W. **Environmental Blues**: Working-Class Environmentalism and the Labor-Environment Alliance, 1968-1985. 2004. Tese (Doutorado em História) – Wayne State University, 2004. LIPIN, Lawrence. **Workers and the Wild**: Conservation, Consumerism, and Labor in Oregon, 1910-1930. Urbana: University of Illinois Press, 2007.

34 SANTIAGO, Myrna I. **Ecology of Oil**: Environment, Labor, and the Mexican Revolution, 1900-1938. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Jacquelyn Southern sobre a oposição da classe trabalhadora à energia nuclear e o estudo de Chomsky e Striffler sobre o ambientalismo entre mineiros de carvão.³⁵

Por mais fértil que tenha sido o subcampo do ambientalismo da classe trabalhadora, uma história intelectual do pensamento ambiental dos ativistas trabalhistas seria muito bem-vinda. É tentador ser reducionista ao atribuir certas ideias ambientais notórias aos membros da classe trabalhadora e seus porta-vozes. Lutar pela preservação de seus próprios ambientes de vida e trabalho às vezes parece um projeto que não exigia, e não incluía, teorização. Mas temos muitos exemplos da sofisticação intelectual e das práticas intelectuais disciplinadas dos líderes trabalhistas. Para citar um exemplo recente, o presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva teria lido dois livros por mês na prisão.³⁶ Chico Mendes foi educado por um ativista comunista que lhe exigia um regime de leitura rigoroso.³⁷

O artigo de Samuel Carneiro de Maupeou e Altemar da Costa Muniz aborda um caso em que os interesses dos trabalhadores e da proteção ambiental entraram em conflito. Eles escrevem sobre um grupo de trabalhadores rurais sem-terra que, historicamente, haviam sido empregados por uma empresa proprietária de um conjunto de engenhos no estado de Pernambuco. No final da década de 1980, os trabalhadores buscaram a expropriação de suas terras da empresa proprietária, que já vinha em declínio há tempos. Muitos na área urbana de Recife, próxima às terras em questão, simpatizavam com a busca dos trabalhadores rurais por terras, mas se opunham à ocupação por essas famílias pobres de raros fragmentos da rica Mata Atlântica. As ocupações das terras começaram em fevereiro de 1986 e se estenderam por quase três anos, período em que centenas de famílias foram instaladas nas plantações. Assim que a questão fundiária pareceu resolvida, a questão ambiental ganhou destaque. Entre 1989 e 1993, ocorreram negociações para proteger a floresta, culminando em um acordo legal para seu uso sustentável.

O artigo oferece uma visão preciosa das alianças, por vezes tensas, entre defensores do trabalho e do meio ambiente. Quando se alinham, podem, por vezes, confirmar alianças políticas de longa data. Afinal, foi a visão de ambientalistas e defensores dos direitos dos trabalhadores marchando lado a lado para se oporem ao livre comércio e à marginalização de acordos ambientais ou trabalhistas nas negociações da Organização Mundial do Comércio que inspirou Peck, em parte, a escrever seu artigo “The Nature of Labor.” Mas este alinhamento nem sempre acontece. A história de Maupeou e Costa Muniz mostra-nos um caso instrutivo de descompasso entre interesses em disputa, relativos ao uso da terra: pela reforma dos regimes de propriedade e pela preservação.

35 SOUTHERN, Jacquelyn. Changing nature: union discourse and the Fermi Atomic Power Plant. **International Labor and Working-Class History**, v. 85, p. 33-58, 2014. CHOMSKY, Aviva; STRIFFLER, Steve. Empire, labor, and environment: coal mining and anticapitalist environmentalism in the Americas. **International Labor and Working-Class History**, v. 85, p. 194-200, 2014.

36 CINTRA, André. “Os livros que Lula leu durante seus 580 dias na prisão”. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2020/01/16/os-livros-que-lula-leu-durante-seus-580-dias-na-prisao/>.

37 RODRIGUES, Gomercindo. **Caminhando na floresta**. Rio Branco: Edufac, 2009.

O artigo de Christine Rufino Dabat também se concentra na região canavieira de Pernambuco. Ela oferece talvez o mais explícito apelo à ação, no sentido teórico e metodológico, sublinhando o potencial da história ambiental como estrutura para abrir novas dimensões no estudo dos trabalhadores rurais assalariados. As formas pelas quais os trabalhadores da cana-de-açúcar contavam com as hortas domésticas, ou como eram alijados delas, servem como uma área crucial de exploração para compreender os limites da sua experiência vivida, suas capacidades de sobrevivência e seu poder de negociação com os patrões. Dabat encoraja os historiadores a analisarem as relações produtivas de um determinado lugar e tempo em seus próprios termos, resistindo à forte tendência de adotar pressupostos que ela critica como eurocêntricos. Em vez de associar automaticamente a agricultura, e especialmente a produção em hortas domésticas, como atrasadas, por exemplo, ela sugere observar ambos os setores por uma perspectiva mais aberta e até mesmo considerá-los símbolos de resistência. A horta pode ser concebida como uma interessante alavanca social e material e uma peça-chave da chamada brecha camponesa — um mecanismo de sobrevivência e uma ferramenta sutil para resistir ao controle total dos patrões. Ela esclarece que não está focando na agricultura de subsistência, mas na produção doméstica que se encaixa de forma proeminente na rotina de alguns assalariados rurais (e talvez também de um pequeno número de assalariados urbanos). Ela também sugere que as próprias hortas podem ser submetidas a análises ambientais e levanta a possibilidade de que a brecha camponesa ocorra, em parte, por meio de um mecanismo fundamentalmente ambiental.

As sugestões de Dabat estão alinhadas com a observação direta de Steven Stoll de que a produção de subsistência não desapareceu com o capitalismo e a imposição do trabalho assalariado. As reflexões de Dabat sobre os trabalhadores da cana-de-açúcar constituem um contraponto produtivo aos mineiros de carvão descritos por Stoll. As hortas e sua produção de subsistência e até mesmo de excedente podem, em ambos os casos, ser vistas sob múltiplas perspectivas. Podemos vê-los, nas palavras de Stoll, como “jardins capturados” que facilitam a superexploração dos trabalhadores pelos donos das minas. E podemos vê-los como portais para uma forma de autonomia operária, como aponta Dabat. Klubock e Brown observam que, por mais que os trabalhadores abraçassem a promessa de autonomia das hortas, elas também sustentavam a reprodução social. O significativo argumento de Dabat é que, independentemente da abordagem adotada em relação às hortas, os historiadores devem levar em conta sua materialidade e o envolvimento dos trabalhadores com seus ambientes.³⁸

Por fim, Sandro Dutra e Silva oferece um retrato matizado dos lenhadores que atuavam na fronteira do centro e norte do Brasil durante a primeira metade do século XX.

38 STOLL, Steven. The captured garden: the political ecology of subsistence under capitalism. *International Labor and Working-Class History*, v. 85, p. 75-96, 2014. BROWN, op. cit., p. 8.

Ele detalha não apenas o trabalho material dessas pessoas, mas também os tropos que surgiram sobre esse trabalho e sua importância. Como mencionado anteriormente, esse tema coloca Dutra e Silva no terreno familiar de Warren Dean, o narrador mais conhecido da Mata Atlântica brasileira, e, particularmente, dos ataques colossais que ela sofreu. Mas, como Dutra e Silva observa, as florestas são um dos temas fundamentais da história ambiental brasileira, com uma gama de contribuições.³⁹ Apesar da atenção relativamente generosa dada ao desmatamento, pouco se tem falado daqueles que de fato trabalham nas florestas, incluindo realizando o corte das árvores. Assim como Kettle, Dutra e Silva aponta para o trabalho intelectual desses lenhadores, mas, em seu artigo, ele se concentra em seu papel na expansão da fronteira colonizadora. Essa análise da exploração, manipulação e destruição das “paisagens florestais do Brasil” concentra-se no Cerrado e na Amazônia.

Baseando-se amplamente em fontes jornalísticas das primeiras décadas do século XX, Dutra e Silva revela as múltiplas faces do mateiro. Jornalistas o associavam a personagens coloniais anteriores (como o bandeirante), ao sertanejo e ao colonizador da Amazônia. O trabalho do mateiro ia além do uso sazonal do fogo e da serra para desmatar, e os jornais relacionavam uma ampla gama de atividades intelectuais e físicas desempenhadas por esses trabalhadores. Jornalistas os descreviam como exploradores, desbravadores, especialistas nos habitantes humanos e não humanos das florestas, e muito mais. No centro do Brasil, os mateiros desempenharam um papel fundamental na expansão da fronteira cafeeira. O café havia se tornado o principal produto do Brasil, o que implicava que sua expansão carregava um peso econômico e cultural significativo.

No conjunto, este dossiê conecta historiadores ambientais à história do trabalho, na premissa de que as dinâmicas entre natureza e trabalho, humano e não humano, estão intrinsecamente conectadas. As possibilidades desta interrelação são múltiplas. Ao incorporar a natureza em seu campo, a história do trabalho amplia seu raio de abrangência e explora esse potencial. É com grata satisfação que vemos as contribuições aqui apresentadas caminhando em passos decididos nessa direção.

Recebido em: 30/11/2025

Aprovado em: 1/12/2025

39 Consulte as notas de rodapé de Dutra e Silva, mas mencionaremos aqui PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.